reportagem cultural

Origem com bases sólidas

Carol Zatt, especial para o JC *

"Que desapareça a autoria e permaneça a poesia", é o que a premiada e reconhecida escritora Maria Carpi gosta de ressaltar. "Eu tenho uma ideia, tu vais achar esquisita: tenho pra mim que a boa poesia é aquela que, de repente, tu esqueces do autor". Para a intelectual gaúcha, os versos devem ter o seu protagonismo para o leitor.

No entanto, desde seu primeiro título publicado, *Nos Gerais da Dor* (1990), sua marca literária permaneceu e é muito difícil ler algo dela e não relacionar ao seu nome. O fato de ser uma poeta que escreve livros inteiros dedicados a um único tema é bastante singular. "Naquela época, as pessoas estavam precisando de um livro que falasse sobre a dor. A dor dos holocaustos, a dor das intempéries, a dor das violências. Por isso que escolhi, queria ser testemunho de um avanço melhor para a humanidade. E escolhi bem naquela época; eu já tinha 15 livros na gaveta. E agora tornamos a pensar novamente com as guerras, com os problemas da natureza, acho que estamos precisando de novo, porque muita gente não conhece esse livro", relata a autora.

ACERVO MARIA CARPI E FAMÍLIA/REPRODUÇÃO/JC



Com o pai Leonida e a irmã Cléa: "Graças a Deus, meu pai era pela cultura"

"Ela não trabalha com um livro, trabalha com um tema. É talvez a rara poeta temática do País, porque todos os seus livros são capítulos de uma visão de um mundo, são capítulos de ensaio em versos, exaustivo, uma investigação, seja semente, seja desejo, seja a fome, seja o corpo, seja o amor. Ela não faz versos avulsos, ela é uma costureira da unidade, ela busca a profundidade. Ela não quer o efeito do arrebatamento, ela quer o efeito da filosofia, da permanência, da descoberta, da aceitação", avalia seu filho, o escritor Fabrício Carpinejar.

A escritora tem uma longa produção, com ainda, atualmente, quase duas dezenas de títulos inéditos, sem previsão de lançamento. Faz, no mínimo, uma década que Maria pensa em tirar da gaveta *A Usura e a Pele*. "Eu quero publicar um livro muito importante, porque tu não mais te tocas, tu não mais abraças, tu não ficas mais junto. A usura da pele é maior que a usura do mercado. A pele da pessoa não é mais encontrada, o tato que dá o carinho, que dá o conforto, não existe mais. Então, esse livro está atualíssimo."

Professora de Literatura da Ufrgs, Cinara Ferreira afirma que ela é uma das autoras mais profícuas da literatura gaúcha e brasileira. "Acho que não há poetas que trabalhem de forma tão constante e aprofundada em um tema como a Maria Carpi. É difícil compará-la com outras escritoras porque sua poesia é única", analisa.

Em 2021, ela lançou sua primeira e única obra destinada ao público infanto-juvenil, que lhe é tão caro, pela editora ArdoTempo: *O Quebra-Galho e o Faz de Conta*. Em julho deste ano, Maria Carpi batizou a biblioteca da Escola Municipal Paixão Côrtes, colégio bilíngue de turno integral em Porto Alegre.

ACERVO MARIA CARPI E FAMÍLIA/REPRODUÇÃO/JC



Maria Carpi adolescente, na Serra

Semeando versos

"A dor é semente da esperança", diz Fabrício Carpinejar, completando que todos os livros de sua mãe, Maria Carpi, orbitam pelo plantio e pela colheita. Júlia Genehr Santana, doutoranda em Estudos Literários pela Ufrgs e professora de Literatura, Português e Inglês concorda com esta perspectiva. "É uma coisa que me chama muito a atenção, particularmente: a forma como ela consegue traçar uma espécie de linha que conecta todos os livros, desde o primeiro até o último publicado. Uma dessas conexões é através da metáfora da semente, bem importante para a obra dela".

Além desse como fio narrativo, a pesquisadora relembra ainda de outros temas que aparecem em sua escrita: a questão da dor, do desejo, do papel, do semeador e a vidência. "Essa ideia de que, enfim, aquilo que resta, a semente, ela também é matéria viva para produção de novas vidas. A semente enquanto potência. É preciso encontrar, descer até as profundezas da terra ou até de si mesmo, se permitir se despojar de quase tudo para que essa semente possa de fato resistir e sobrar", interpreta.

Júlia explica que ainda é possível identificar uma linha na ordem de publicação dos títulos, que conta uma história. "São muito importantes não só os núcleos temáticos em cada livro, mas a ligação entre eles e a ordem como vão aparecendo na poética da Maria Carpi", destaca.

Explicando que a presença do corpo é uma marcação de gênero na poesia, característica da produção feminina, Júlia relata: "No sentido de que ela se coloca como mulher em vários momentos, ela fala sobre o desejo. Tem um livro em específico que acho que é muito significativo desse corpo dessa mulher, que é o *Desiderium Desideravi*."

Cinara, por sua vez, retoma o exemplo da autora pela biografia. "Ser mulher e escrever, no passado e hoje ainda, é uma forma de afirmar um espaço para além do âmbito doméstico. Sua história de vida, tanto pública quanto privada, é, sem dúvida, uma referência de gênero. Maria Carpi faz relatos recorrentes do quanto estudar e ter uma profissão foi determinante para se emancipar e ter um espaço no mercado editorial já na maturidade".

DIEGO LOPES/DIVULGAÇÃO/JC



Poetisa foi patrona da Feira do Livro de Porto Alegre, na edição de 2018

Trajetória biográfica

Filha do italiano Leonida Carpi e de Eliza Margarida Bonatto, Maria Elisa Carpi nasceu em 27 de maio de 1939, na Serra Gaúcha, no então distrito de Muçum, hoje município, mas que na época pertencia à cidade de Guaporé. "Minha mãe era viúva quando casou com meu pai. Saíram de Muçum e compraram o hotel em Guaporé, que ficava dentro de uma quadra de pomar e flores, onde eu fui criada."

O filho Rodrigo Carpi Nejar pontua que a questão da origem é muito forte para a sua mãe. "Acho que isso faz muito parte da construção do imaginário dela, o próprio contato com a natureza, com horta, jardim, animais."

Maria Carpi recebeu uma educação contraditória, como alguns dos seus poemas, regrada pela mãe e anarquista pelo pai. Do pai, Carpi traz lembranças que a marcaram profundamente, como o seu violino e, da mãe, o avental branco, usado para cozinhar. O instrumento musical e o objeto deixaram sinais em sua infância e surgem na composição de algumas de suas poesias. A escritora estudou até sua adolescência no Ginásio Monsenhor João Batista Scalabrini.

"O italiano era ou pelo dinheiro ou pela cultura. Graças a Deus, o meu pai era pela cultura, e nos enviou pro Bom Conselho, eu e a minha irmã, Cléa Anna Maria Carpi da Rocha", conta. A inseparável amiga Nayr Tesser, sua colega desde o Jardim da Infância, veio junto para a Capital, para estudar no internato do colégio.

Maria começou a escrever poemas na adolescência e chegou a publicar em um jornal acadêmico, A Toga, durante a faculdade de Direito na Ufrgs, na qual ingressou com 19 anos. Formada em 1962, foi professora, advogada e defensora pública.

No ano seguinte à formatura, casou-se com Luís Carlos Versoni Nejar, com quem teve quatro filhos: Carla, Rodrigo, Fabrício e Miguel. Em 1982, passou a dar aulas na Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e participou nos movimentos que promulgaram a criação do Conselho Estadual de Direitos da Criança e do Adolescente (Cedica), participando como conselheira por duas gestões representando a Defensoria Pública e, depois, a OAB/RS, e dos Conselhos Tutelares. Ainda em 1982, ingressou no Instituto dos Advogados do Rio Grande do Sul. Representou, por dois anos, a Associação dos Escritores Gaúchos no Conselho Estadual